

## ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO *HONNÊTE-HOMME* NA FRANÇA DO SÉCULO XVII: CIVILIDADE, *BIENSÉANCE* E DOMÍNIO DA PALAVRA

ELEMENTOS PARA LA CONSTRUCCIÓN DEL *HONNÊTE HOMME* EN LA FRANCIA DEL SIGLO XVII: CIVILIDAD, *BIENSÉANCE* Y DOMINIO DE LA PALABRA

ELEMENTS FOR THE CONSTRUCTION OF *HONNÊTE-HOMME* IN FRANCE IN THE 17TH CENTURY: CIVILITY, *BIENSÉANCE* AND THE DOMAIN OF THE WORD

Maria Cecilia Barreto Amorim Pilla\*

**Resumo:** Na França do século XVII há um tipo ideal de homem social, é o *honnête-homme*, que tem como características fundamentais o domínio de si e de seu desempenho nos espaços mundanos. Esse artigo trata da investigação dos princípios norteadores para a construção do *honnête-homme*, em especial os que concernem à civilidade, à *bienséance* no exercício do domínio da palavra. São fontes deste trabalho manuais de civilidade que circulavam na França do século XVII: o “O honesto homem ou a arte de agradar à corte” de Nicolas Faret; “O novo tratado da civilidade que é praticado na França entre as pessoas honestas”, de Antoine Courtin; e “Do espírito da conversação”, de Antoine Gombaud. A partir da descrição dos modelos que constituem o *honnête-homme* propõe-se uma reflexão sobre o conjunto de normas sociais que caracterizam uma época.

**Palavras-chave:** *Honnête-homme*; civilidade; conversação.

**Abstract:** In seventeenth-century France there was an ideal figure of social man um, the *honnête-homme*, which has as main characteristics the self-domain and his performance in the mundane places. This article addresses the investigation of the main principles for the construction of the *honnête-homme*, especially those concerning the civility and the *bienséance* in the exercise of the domain of the word. This paper is based on civility manuals circulating in France in the 17th century, namely: “The honest man or the art to please in court”, Nicolas Faret; “The new civility treaty practiced in France by honest people”, Antoine Courtin; and “The spirit and the conversation”, Antoine Gombaud. Based on the description of the models that make up the *honnête-homme*, a discussion is proposed on the set of social norms particular to a certain period of history.

**Keywords:** *Honnête-homme*; civility; conversation.

No século XVII o centro do poder estatal francês gravitava em torno das principais residências reais, bem como em meio às principais moradias da nobreza e da alta aristocracia cidadina. Desde meados do século XVI, Francisco I deixa o Vale do Loire em segundo plano e começa o trabalho de reconstrução do Louvre, ou seja, Paris volta a ser a preferida da corte maior, a dirigida pelo rei. Mesmo assim, até que as obras tornem o grandioso palácio novamente à altura real, Francisco I ficava no velho palácio de Tournelles ou em Fontainebleau, ou ainda em Saint-Germain-en-Laye e na casa de campo de Madrid, no Blois de Boulogne.

Desde a década de 1520, o rei havia começado um projeto de renovação do Louvre, quando mandou demolir o solar e substituí-lo por um palácio renascentista para palco das cerimônias de Corte. O prédio ainda inacabado fez com que Catarina de Médicis construísse um palácio mais simples, mas grandioso, as Tulherias. Mais tarde foi construída uma galeria unindo os dois palácios. “A partir daí, estabeleceu-se uma divisão de trabalho, no qual o Palácio das Tulherias servia de lar do monarca reinante, enquanto o Louvre era a expressão oficial do poder estatal” (COLIN, 2009, p. 125). O fausto das cerimônias oficiais alcançou seu auge no Louvre com Henrique IV e Luís XIII, e entrou em declínio depois da mudança da Corte por Luís XIV para Versalhes.

No Marais foram construídas residências da nobreza e da alta burguesia, prédios que até hoje embelezam a cidade, tais como o Hôtel Sevigné, hoje Museu Carnavalet; o Hôtel Donon; Hotel Lamoignon, entre outras jóias dos salões franceses do momento. Como o Marais, havia outros bairros elegantes na cidade, como a Île de Saint-Louis e o Foubourg Saint-Germain. Residências de famílias da corte ou da aristocracia reuniam a elite financeira, artística e cultural da cidade. Eram pequenos palácios que ostentavam luxo, riqueza e poder ainda ao longo do século XVII.

Em meio a políticas de remodelação do Estado, construção de palácios, projetos culturais de financiamento das artes, no que Francisco I foi imensamente influenciado pelo humanismo e fascinado pela Itália, vieram ideias de renovar Paris nos moldes de uma nova Roma. Esse empreendimento ‘civilizatório’ trazia em seu bojo também uma crescente preocupação em relação ao refinamento dos costumes, pois se acreditava que as civilidades, sua aprendizagem e prática, influíam nas relações entre as pessoas e seriam ingredientes eficientes para a construção de um mundo mais agradável. Através de guias de conduta, a sociedade europeia do período procurou construir padrões de comportamento capazes de regulamentar a vida das pessoas frente a um período de transição. Não apenas as maneiras de falar e de pensar, as posturas, gestos, mas os comportamentos em geral acompanhando o curso de um processo civilizador. Nesse sentido, Haroche (1993) relaciona a importância do governo de si mesmo, que para ela é um componente essencial de poder, a um instrumento político auxiliar à lei. Nesse caso, aprender a se autogovernar é um importante instrumento para obter ou manter posições sociais ou privilégios.

Nesse contexto, os indivíduos devem aprender desde muito cedo a controlar suas paixões respeitando um código de conduta relacionado a uma determinada estrutura social. À medida que as pessoas se relacionam cada vez mais estreitamente, cada indivíduo desempenha uma função social que deve ser mais e mais regular, diferenciada, uniforme e estável.

A arte de saber decifrar os papéis sociais e suas articulações desempenhou importante atribuição na história das ideias, bem como na da sociabilidade. Os livros de civilidade do período deixavam em suas entrelinhas a necessidade de saber observar o outro, bem como ressaltavam

a importância de, sabendo-se observado, controlar-se, autogovernar-se. E nesse sentido, exemplificavam, em forma de normas, conselhos, anedotas, as atitudes de um homem de bom senso, um *honnête-homme*.

O homem do período moderno quer bem desenvolver as artes que o constituem como um ser cortês, civil, a arte de falar, calar, simular e dissimular. Requisitos de um *honnête-homme*, a prudência, a contenção, o domínio de si constituem por si só a estrutura e a prática em sociedade desse *homme*. Para Courtine e Haroche (1988), em seus estudos sobre a fisionomia, a civilidade e a conversação se completam no exercício da elegância. A vida na Corte, e principalmente nas cortes absolutistas, exige o controle da violência física, a eloquência substitui o ato da agressão.

A habilidade de decifrar, de ler o grupo de pessoas e os gestos que as compõem é valorizada desde a Antiguidade, já nessa época relacionava-se o exterior das pessoas com seu interior. E na sociedade de corte, ou na prática da vida mundana dos séculos XVI, e aqui em especial o XVII, procura-se constantemente perceber o invisível, o oculto, a partir daquilo que se deixa à mostra: gestos, maneiras, vocabulário, formas de comer, cumprimentos, medidas. Ou seja, é a leitura do todo, em cada contenção, deferência; em cada palavra exposta, omitida; há um significado a ser decifrado.

O século XVII é o século de Faret, de Courtin, de Gombaud, mas é também o de Pascal, La Rochefoucauld, Molière, Chapelain, Racine e Descartes. A França vive o movimento da Contra-Reforma, mas suas regras não são aplicadas com rigor. Desconfia-se dos jesuítas, apesar do confessor de Luís XIV ser um deles. Há o movimento jansenista e as reservas da Igreja galicana. Esse cenário não atrapalha o papel de apoio da França à Igreja Católica. Seus esforços de piedade se encontram na literatura, na poesia sagrada de Jean Chapelain e Antoine Godeau. Pierre Corneille, um dos maiores dramaturgos franceses do século XVII, foi nomeado autor oficial pelo Cardeal Richelieu. Mais tarde eleito pela Academia Francesa, Corneille traduziu a obra "Imitação de Cristo"<sup>1</sup> e publicou "Ofício da Santa Virgem". Em 1609, São Francisco de Sales publicou "Introdução da Vida Devota", e a esse livro se segue uma multiplicidade de obras acerca da elevação do espírito pela oração e o exercício das virtudes e dos sacramentos; são os livros ou manuais de piedade.

São várias as obras que procuram orientar as *honnêtes gens*, como "De l'Immortalité de l'Ame de Jean de Silhon"<sup>2</sup> (1634), e os livros de Port-Royal pela defesa da graça eficaz, como "Apologie pour les Saint Peres" (1651). Para Favre (1998, p. 96), nesse momento se distinguem duas correntes católicas diferentes por suas concepções no discurso do homem diante de Deus: a) a corrente agostiniana jansenista, mais rigorosa, que é chamada pelo abade Brémond de 'humanismo cristão' – essa teologia conduz a uma oração humilde, sobretudo a um heroísmo pré-suntuoso; mas para seus adversários é a encarnação do pensamento calvinista; b) a corrente dos libertinos, que mais do que dissolutos, fazem uma crítica discreta à ortodoxia, são céticos, deístas ou ateus.

Dessa forma, pretende-se aqui tratar das noções conceituais referentes à construção do *honnête-homme*, em especial, do exercício da civilidade, da *bienséance* e do domínio das palavras. Constituem fontes deste trabalho manuais de civilidade que circulavam na França do século XVII, “O honesto homem ou a arte de agradar à corte” de Nicolas Faret; “O novo tratado da civilidade que é praticado na França entre as pessoas honestas”, de Antoine Courtin; e “Do espírito da conversação”<sup>3</sup> e também “*Oeuvres Posthume de M. Chevalier de Méré*”, de Antoine Gombaud.

Não se trata, porém, apenas de uma descrição da maneira de falar e das qualidades que as constituem, para a identificação, no conteúdo desses manuais de parâmetros, de modelos de conduta, capazes de conferir distinção na construção do *honnête-homme* da França do século XVII. Mais do que a análise e o relato específico dos preceitos, é importante refletir sobre o todo que envolve a construção do conjunto das normas sociais: as relações entre cultura e poder; experiência e desconhecimento; traquejo e naturalidade dos gestos. Assim é possível procurar perceber no controle do olhar e do falar-calar um importante instrumento para a construção do *honnête-homme*.

Na tentativa de compreender essas e outras questões, o estudo está delimitado no período que abrange o século XVII, época em que na França se verifica a grande preocupação de adequação dos comportamentos como condição indispensável para “estar” nas cidades e de frequentar os espaços de sociabilidade aristocrática, bem como alimentar a pretensão de “estar” na Corte.

Nesta esteira encontram-se dois dos mais importantes autores de civilidades do século XVII na França, François Faret e Nicolas Courtin; e a eles acrescentei um terceiro, que fala mais especificamente sobre o exercício da conversação, Antoine Gombaud, Chevalier de Méré, deles contemporâneo. Percebe-se em suas obras uma influência ora erasmiana, ora de Castiglione e Della Casa – como nas obras de Faret e Gombaud. Vê-se que esses consideram muito a origem dos indivíduos, a nobreza de sua linhagem, ou aqueles que eles chamam de ‘os grandes’. Em Courtin também aparecem esses ‘grandes’, até porque estamos em uma sociedade do *Ancien Régime*, mas há um traço humanista forte, erasmiano, em seu tratado, ou seja, a possibilidade do aprendizado universal da civilidade.

Desde os tempos de cavalaria medieval percebe-se a busca de um belo, e esse belo pode muito bem estar inserido num conjunto de virtudes sociais a serem desempenhadas por esses homens nobres de coração e de sangue.

Essa cortesia medieval, e mais tarde a civilidade do período moderno, adquirida ou inata, para muitos está diretamente ligada à linguagem que aqui em especial pretende-se analisar, a arte da conversação, do falar-calar. A vida em sociedade exige o domínio da palavra: o saber falar, a *eloquentia* e a *sapientia*, que nada mais é do que a habilidade de se exprimir bem, a capacidade de persuadir a partir do bom senso no uso das letras. Para tanto,

a eloquência não se esgota na palavra, mas vai além, é composta do todo de quem fala, engloba os gestos, as maneiras, a cadência e, aliado a isso, o controle do olhar e da expressão. E se junta a esse todo a *sapientia*, a justa medida, matéria-prima da qual se constitui o *honnête homme*.

Ora, na Corte ou fora dela, entre os grupos dos salões, a conversação é vital para as relações humanas. É a busca da desenvoltura na prática de comunicar-se, aquilo que Baltazar Castiglione, em seu “O Cortesão”, chamava de *sprezzatura*. Os manuais orientam a prática, o ofício de conversar, o tom de voz, o vocabulário, a pronúncia, a expressão, os gestos. O domínio da expressão qualifica, entre outras virtudes, o *honnête-homme*.

### Quem são os autores?

Nicolas Faret nasceu em Bourg-en-Bresse em 1596 e morreu em 1646. De origem burguesa, esse autor transparece seu interesse tanto com o aspecto social quanto com o comportamento político do espaço da Corte. Era um homem de Estado e também das Letras. Foi secretário do Conde d’Hancourt e participou da fundação da Academia Francesa, da qual foi também membro. Seu tratado *L’honnête homme ou l’Art de plaire à La cour de 1630*<sup>4</sup> transparece a forte inspiração em Baltazar Castiglione.

Peter Burke (1997), em seu estudo sobre “O Cortesão”, diz que Faret, apesar de não fazer nenhuma referência a essa obra, “apropriou-se dela com avidez”, em especial quando recomenda a seus leitores o ideal da graça natural e elogia a *nonchalance*, que seria uma correspondente da *sprezzatura*. Plágio, tradução ou adaptação a partir de Castiglione, há algo de novo na obra de Faret. Ela suprimiu de seu modelo a forma de diálogo e transformou suas orientações em texto acrescentando a ele outros ensinamentos sobre o bom comportamento, sobre o exercício da conversação.

Imerso nesse contexto também está Antoine Courtin e seu *Nouveau Traité de La Civilité que se pratique en France*<sup>5</sup>. Nascido em Riom em 1622, numa família burguesa *d’office*. Seu pai era um funcionário de um escritório de finanças. Depois de estudar, provavelmente no colégio dos Oratorianos, ele serviu como voluntário no exército do rei em Flandres em 1643.

Courtin trabalhou para a rainha Cristina da Suécia, nomeado em 1651 como secretário responsável pela correspondência em língua francesa. Até 1668 ele vai ter uma agradável carreira diplomática. Em 1661 foi nomeado por Luís XIV *résident vers les rois, princes, Villes hanséatiques du Nord et ports de la Baltique*.

Para Marie Claire Grassi (1998, p. 15), Courtin<sup>6</sup> conhecia bem os segredos das chancelarias e das cortes, e sabia se colocar bem e falar bem. A autora vê em Courtin conceitos que se baseavam na *bienséance* ciceroniana. Inspirou-se em homens de seu tempo que escreveram sobre o tema: Erasmo, Nervéze, Varet, Bardin, Faret e se alimentou dos preceitos moralistas de Nicole, Pascal e, particularmente, La Rochefoucauld.

Nesse sentido é que Grassi (1998) afirma que a obra de Courtin é percorrida por três ideias centrais: a civilidade é uma virtude cristã; a necessidade de o homem compreender seu ato de civilidade; a fidelidade à natureza humana. Latentes ou manifestas, as referências fundamentais que definem os primeiros deveres da civilidade de um cristão são: Cícero e o Novo Testamento. Princípios como a submissão, a humildade, a caridade, a medida entre as palavras e ações e o domínio do corpo e das paixões percorrem todo o seu tratado<sup>7</sup>.

A busca da *bienséance*, marca de seu trabalho, é uma daquelas expressões de difícil tradução. Sinônimo de ser adequado, apropriado, ter bom senso ou possuir a justa medida, é a baliza dos tratados morais dos séculos XVI e XVII no Ocidente, desde Erasmo passando por Della Casa, Castiglione a La Rochefoucauld, Faret, Gombaud e Courtin, sem ser esse um elenco exaustivo.

Grassi (1998) vê Courtin como um homem de seu tempo. Inscreve-o no movimento iniciado no século XVI, que afirma a continuidade entre a paidéia antiga e a educação cristã. Moral pessoal, moral cristã, moral social, consideradas como uma só unidade:

Le Nouveau Traité de la civilité, tal como foi proposto em 1702, é uma obra que fixa na França, por dois séculos, as regras fundamentais do saber viver. Ele traz, efetivamente, não somente uma nova maneira de conceber a polidez como um lugar de integração de uma moral individual e cristã na moral civil, mas como uma nova maneira de escrever. Rompendo com a técnica do diálogo platônico, caro ao livro *O Cortesão*, ou com a conversação fictícia de estilo por vezes metafórica, própria do Galateo, Courtin fez uma obra de síntese e de inovação. É um tratado que se dirige às jovens, mas também a todas as pessoas, é propositadamente escrito em estilo simples, por vezes familiar (GRASSI, 1998, p. 31)<sup>8</sup>.

O outro autor a ser conhecido é Antoine Gombaud, chevalier de Méré, nascido em Poitou em 1607 e falecido em 1684. Escritor, reconhecido como o modelo que ele mesmo preconizava, *l'honnête homme*, correspondeu-se com Pascal sobre cálculos de probabilidade. Frequentou com desenvoltura os salões franceses do século XVII, como de Madame Rambouillet ou da duquesa de Lesdiguières.

Quando o abade Nadal publicou as "*Oeuvres Posthumes*"<sup>9</sup> de M. Chevalier de Méré, o apresentou como um homem de qualidade, rapaz de uma casa distinta pela antiguidade de sua nobreza e pelo brilho de suas alianças e ilustrações. Seu pai obteve a dignidade de Cavaleiro da Ordem do Rei, tendo a honra de servir aos Príncipes de Conde. Para Nada, Gombaud foi um grande estudioso de obras clássicas da Antiguidade, o que aplicava



enriquecendo o seu espírito. Grande entendido sobre o funcionamento da sociedade de Corte, procurou provar a verdade pela natureza refinada de suas paixões e princípios, deixando regras de uma polidez que ao mesmo tempo criou e da qual foi modelo (GOMBAUD, 1700, p. 5-17).

Gombaud era considerado por seus contemporâneos a encarnação do homem social, inserido nos principais espaços de sociabilidade de sua época, aí exercendo real influência por suas ideias. Classificado por Favre (1999) como 'indiferente à religião', tendo igualmente um desdém às pessoas comuns por considerá-las escravas da imaginação e das religiões inventadas pelos políticos. A concepção que Gombaud tinha de honestidade estava longe do sentido elitista do chamado *grand-monde*, tinha um sentido mais assentado no bom-tom natural, no bom senso, próximo ao discernimento do *savoir vivre* que traz consigo o belo, portador que deve ser de uma sabedoria prática.

Seu *honnête-homme* é o resumo, o retrato de uma sociedade polida, solidamente alicerçada sobre o poder real, onde o cortesão deposita todas as suas aspirações políticas e toda sua rudeza militar em nome de um objetivo aristocrata.

Em busca de tecer o modelo de *honnête-homme*, Gombaud e Faret procuraram orientar a moral do cortesão pela sensatez independente. Antes de tudo, não chocar ninguém, nem pelo egoísmo, nem pela demonstração ostensiva de seus conhecimentos, muito menos se gabando de suas qualidades.

Para Robert Favre (1998), esse período em que viveu Gombaud, se caracteriza pela passagem de um humanismo renascentista para um outro humanismo que se constrói, que guarda do anterior a universalidade, mas que tem algo de novo. É ao mesmo tempo relacionado às ideias dos clássicos, mas quer contribuir à construção do modelo do que virá. É um esforço na procura de formas novas, com suas esperanças, seus fracassos e sucessos.

Enfim, apesar de suas diferentes abordagens, os três autores escolhidos para esse estudo – Gombaud, Courtin e Faret – viveram num mesmo contexto social e todos pertenceram à mesma sociedade absolutista da França do século XVII, bem como foram considerados, em seu próprio tempo, modelos de *honnêteté*. Imersos em suas atividades de Estado (secretários – diplomatas – membros da Academia Francesa), preocuparam-se com a civilidade, seja sob o prisma erasmiano, da aprendizagem ao alcance de todos; seja da civilidade de Della Casa e Castiglione, que consideravam um limite para seu aprendizado, pois há traços que não são adquiridos, mas que são transmitidos pela origem, linhagem, uma espécie de *je n'est sais quoi*.

### **Definindo conceitos**

Assim como os clássicos tratados de civilidade do século XVI de Castiglione, Della Casa e Erasmo, os de Antoine de Courtin, Nicolas Faret e

Gombaud tinham como seu principal objeto o controle das condutas dos homens, balizas para a modelagem dos comportamentos mundanos.

É certo que é preciso tomar uma certa precaução quando escolhemos obras como os manuais como fontes históricas, pois lembrando Huizinga (2010, p. 175), ao falar sobre as transformações da vida aristocrática no final da Idade Média franco-borguinhã, “quanto mais um ideal de cultura exige virtudes das mais elevadas, maior é a desarmonia entre a forma de vida e a realidade”. Nesse sentido, é importante salientar o alerta trazido por Peter Burke (1995), tal como Elias (1990) também o fez, embora de formas um pouco distintas, no sentido de que os manuais não expressam um consenso social, ou seja, “tentar obter informações sobre práticas em tratados que oferecem uma teoria da conversação significa ler os textos a contragosto, com todos os perigos implicados nesse procedimento” (BURKE, 1995, p. 124). Ou seja, a regra não garante sua obediência, mas pode bem refletir um desejo, a falta ou mesmo a prática de um ato, virtude ou vício e assim oferecer uma oportunidade para conhecermos um pouco da época que o produziu.

No entanto, Burke (1995, p. 121) considera os manuais impressos na Europa a partir do século XV como fontes para a história social da linguagem, uma vez que, como fontes podem ajudar a “reconstruir as maneiras de falar em épocas e lugares específicos, ou como documentos que ilustram a interação dos modos oral e escrito de comunicação”. Pois, a partir das prescrições contidas nos manuais, é possível perceber elementos como hierarquia social, igualdade, exclusão, inclusão, os quais são explicitados em recomendações de como se dirigir aos subalternos, como se apresentar frente aos seus ‘superiores’ ou seus ‘inferiores’, por exemplo.

No percalço do resgate de alguns dos ideais desse período, acredita-se que um bom caminho a trilhar é tentar entender o significado de termos, palavras-chave para compreensão dos princípios contidos nesses textos. Tal como fez Burke em “As fortunas d’O Cortesão” (1997) ao resgatar o significado de termos como *graça* e *sprezzatura* em Castiglione, pretende-se conhecer aqui *civilidade*, *honnête homme* e *bienséance* em Courtin, Faret e Gombaud.

Courtin (1728), logo de início em seu tratado, busca definições para *civilidade* e *virtude*, em torno das quais orbita toda sua obra. Essa *civilidade* que ele pretende definir seria a *modéstia* e a *honestidade* que cada um deve guardar de suas palavras e de suas ações. Para ele, a verdadeira *civilidade* é a *bienséance*, que ele definida como uma certa *modéstia* ou *pudor honesto* que deve acompanhar todas as ações.

*Modéstia* para ele é *humildade sincera* e não *superficial*, ela é que deve ser o fundamento das ações. Ninguém é excluído em praticá-la, essa que deve ser a primeira qualidade. Os ‘grandes’ não são verdadeiramente ‘grandes’ aos olhos *des Sages* se não forem *humildes* e *virtuosos*, diz ele. Essa espécie de *virtude* vem da *caridade* de se considerarmos os outros como se eles fossem nós mesmos, de não fazer e não desejar nada de mal a ninguém.



Em Courtin (1728) a modéstia é a consequência da humildade fundada sobre a caridade, somada à *bienséance* de todas as ações.

Em um capítulo especial ele busca o conhecimento do significado e da ação da *bienséance*. Sua primeira regra é o discernimento entre o que é honesto e conveniente e aquilo que não o é. Essa capacidade de discernir entre o apropriado e o inapropriado, o bom-senso, reconhecer cada situação e a atitude adequada de agir, a justa medida, isso é *bienséance*.

Nas relações entre as pessoas, regada de *bienséance*, é preciso, diz ele, reconhecer que elas podem se dar em três níveis: entre iguais; um inferior em relação ao seu superior; e um superior em relação ao seu inferior. Nesse ponto o autor mostrar a sociedade da qual é membro, uma sociedade em que a diferença social é a regra e isso deve estar bastante claro para todos; reconhecer o lugar que cada um ocupa é uma norma básica de sobrevivência saudável nesse contexto.

Dessa forma, a *bienséance* é saber adequar-se, dar a cada um o seu devido valor, saber, por exemplo, que a familiaridade no tratamento só é bem-vinda entre iguais, pois entre os que têm pouca familiaridade, ela passa a ser uma incivilidade, uma leviandade, um abuso.

Nessa sociedade estratificada e no processo de uma certa mobilidade, ainda faz-se necessário conhecer-se e reconhecer a todos. Nesse contexto, se uma pessoa se dirige a alguém que lhe é superior com familiaridade, isso pode ser uma afronta ou até mesmo uma brutalidade. Nesse sentido, então, a ausência da *bienséance* pode levar a situações extremas, como exclusão ou até mesmo violências físicas justificadas. É aquele inconveniente que ninguém deseja ter por perto, pode significar a morte social, o degredo definitivo do espaço da corte, dos salões.

Já no que concerne ao tratamento que uma pessoa dirige a alguém lhe é inferior, as coisas mudam de significado, pois a familiaridade é permitida sempre e o inferior deve recebê-la com naturalidade. Como diz Courtin (1728), aos superiores tudo é permitido, pois são eles que comandam. Entre iguais, muita coisa é permitida. Aos inferiores, nada além da modéstia.

O *honnête homme* em Courtin (1728) é, portanto, aquele que é desenvolvido em *bienséance*, é civil, humilde, vazio de orgulho. O nascimento é uma vantagem, mas nada é sem a civilidade: "Um homem rico que é um *honnête homme, commode et bien-faisant*, é um tesouro, que vale mais que todos os tesouros que se possui" (COURTIN, 1728, p. 31). O *honnête homme* é aquele que tem a civilidade fundada na virtude e que despreza o orgulho e a hipocrisia.

O autor relaciona a *bienséance* a um exercício moral e cristão diretamente ligado à caridade. Considera que o espírito do cristianismo é o espírito de civilidade e de respeito, que vem da *bienséance* na forma de modéstia. Para ele, ninguém está isento do exercício da civilidade, ela é para todos em todas as situações.

Em Faret (1681) os conceitos de *bienséance* e *honnête homme* tem um objetivo mais prático: frequentar e estar bem na Corte. Não que Courtin (1702) não se preocupe com isso, no entanto, seus conselhos alcançam um cenário mais amplo, pretendem orientar em todos os recônditos da sociedade francesa do século XVII.

Logo de início, Faret (1681) oferece seu manual a todo aquele que deseja ser agradável na Corte. Portanto, não é para ele somente uma gama de conselhos para adentrar nesse espaço, mas de constitui-se uma presença desejável.

Ao contrário de Courtin (1728), Faret valoriza mais o nascimento, pois para ele é necessário que, para entrar no “grande comércio do mundo, seja nascido de um gentil homem, e de uma casa que tenha uma boa marca” (FARET, 1681, p. 7). Com isso ele não impede a possibilidade de acesso àqueles que classifica como “de baixa condição”. Para o autor, isso constitui um obstáculo a mais, o que resulta em atos mais heróicos e melhor desenvoltura. Ou seja, os cuidados daqueles que não tiveram a sorte de serem “bem-nascidos” devem ser redobrados, pois, “os nobres chegam à Corte por natureza e os outros senão que por sorte” (FARET, 1681, p. 7).

Apesar de valorizar o nascimento como uma condição quase que imprescindível para o exercício perfeito das civilidades, Faret não o considera suficiente, pois o *honnête-homme* deve ter coração e audácia, ser corajoso e bem intencionado.

A construção de seu perfeito *honnête-homme* deve ser baseada na constituição de seu corpo em comunhão com o desenvolvimento de seu espírito. Em seus preceitos, percebe-se uma grande preocupação com a educação desse homem de Corte, educação esta que deve ser do espírito e do corpo.

Nessa sociedade dominada pela ideia de nobreza, Faret considera que a destreza e a paixão pelas armas são a condição primeira para o *honnête-homme*. Ao contrário de Erasmo, que considerava as letras tudo e as armas nada, Faret (1681, p. 12) propõe: “É principalmente por meio das armas que se adquire a nobreza, é também por meio das armas que se deve conservá-la e abrir o caminho à grande reputação e às grandes honras”<sup>10</sup>. A partir desse contexto é ele que ele se preocupa com o que chama de “disposição do corpo”, a qual, junto ao nascimento e à coragem, é um requisito para qualquer um que queira frequentar a Corte.

O que seria essa “disposição do corpo”? Para Faret (1681, p. 18), ela se compõe de um belo médio talho, “mais mediano do que grande, mais magro do que gordo, membros bem formados, forte, fácil de se acomodar a qualquer exercício de guerra e do prazer”<sup>11</sup>. Em conjunto com tudo isso, é preciso saber empregar os bons dons da natureza e aprender não somente através da educação formal, mas, sobretudo, a ser galante, o que, segundo ele, é conveniente a um *honnête-homme*. Nem tudo é passível de ser aprendido por meio da academia: a graça natural, por exemplo, aprende-

se quando se sabe ouvir um bom conselho, pela imitação dos perfeitos exemplos daqueles que têm a aprovação geral. E mais do que tudo, deve-se fugir das afetações.

Logo em seguida ao capítulo em que fala das “disposições do corpo”, Faret prossegue tratando sobre as “qualidades do espírito”, as maneiras em geral de se conseguir a “Virtude”. Esta parece ser de caráter cristão, pois no capítulo V, quando ele fala sobre os ornamentos da alma, ele se refere às “Virtudes Cristãs que compreendem toda a Moral” (FARET, 1681, p. 50).

Diz ele que um bom começo é frequentar a Universidade e lá aprender as ciências que um *honnête-homme* deve conhecer. São elas: Filosofia, Matemática, Economia, Política, Poesia, Pintura e Música, Prosa e a Política da Moral e da História. Conhecer historiadores clássicos como Heródoto, Tucídides, Políbio, Plutarco e Tito Lívio.

O fundamento de tudo para Faret (1681) é a religião, que sob seu ponto de vista é o puro sentimento que se tem de Deus e de uma estável crença dos mistérios da nossa fé. Sem esse princípio não há probidade e sem probidade ninguém é agradável.

Sobre essa que é a maior virtude, a religião, é que se devem basear as outras. É essa a principal qualidade do espírito: “Ela nos faz parecer bons sem hipocrisia; devotos sem superstição; prudentes sem malícia; modestos e honrados sem maldade; e generosos sem arrogância” (FARET, 1681, p. 50)<sup>12</sup>.

Apesar de não definir diretamente o termo *bienséance* como o faz Courtin, Faret faz todo o tempo referência a ela indiretamente, pois pondera que a glória dos *honnêtes gens* baseia-se na prudência, modéstia, probidade e cortesia, e, sobretudo na qualidade de ser agradável.

Antoine Gombaud, Le Chevalier de Méré, traz em suas obras conceitos sobre *la vrai honnêteté*. Em seu livro *Oeuvres Posthumes* (1700), ele resume o que seria o *honnête-homme*: aquele que pratica a *honnêteté*. Mas o que seria essa *honnêteté*? “Se alguém me perguntasse em que consiste a honestidade, eu diria que não é outra coisa que superar-se em tudo o que se refere aos prazeres e à *bienséance* da vida”<sup>13</sup>.

Como homem que utilizou grande parte de seu tempo em observar as atividades de Corte e a vida mundana, considerado por muitos de seu tempo como a encarnação do modelo de *honnête-homme*, Gombaud buscou estabelecer os princípios da natureza da *honnêteté*, nesse sentido, questionava-se da origem de tal postura, ou mesmo da própria constituição do ser *honnête*. De onde vem essa qualidade tão rara? Perguntou a si mesmo um dia esse *Chevalier*. Do nascimento? De uma excelente educação? Ora, de ambos, pois para obtê-la com perfeição é necessário uma natureza que contribua para tanto, assim como a aprendizagem (seja pela leitura, seja principalmente pela imitação) da arte de saber estar adequadamente em todos os lugares, dado que, para ele, é preciso um coração nobre e um espírito doce, colocados juntos num bom caminho que leve ao encontro da justa medida, o da *bienséance* (GOMBAUD, 1700, p. 5).

Para Gombaud, essa que é a quintessência de todas as virtudes, a *honnêteté*, é um presente do Céu, e é preciso utilizá-la todos os dias, viver de forma natural e se relacionar de uma maneira humana e razoável, longe dos excessos. Segundo ele, observando-se o mundo e os semelhantes aprende-se ao máximo as coisas mais importantes da vida, tais como a franqueza e a simplicidade.

### ***Ecoutez e Parlez honnête-homme***

A educação para a *honnêteté* implica, dentre muitas coisas, no arcabouço do controle dos gestos, o absoluto domínio da palavra. O ato de conversar é um dos principais requisitos para a interação entre as pessoas e, conseqüentemente, um dos principais exercícios do homem de Corte. Aquele que não conhece os caminhos da conversação, certamente não conseguirá desenvolver com desenvoltura as sociabilidades da vida mundana e jamais chegará perto de se constituir um *honnête-homme*.

Quando analisamos o tipo de fonte utilizada nesse texto, é preciso perceber que a questão da autoridade dos escritores é requisito fundamental para a recepção de suas obras. Um pouco antes, foram abordados os autores e suas qualificações, o que já de pronto confere autoridade às obras aqui tratadas, e aos manuais de civildade em geral. Mas não se deve deixar de considerar também outros elementos, como, por exemplo, nos manuais de etiqueta modernos, quem os prefacia ou faz a sua tradução e adaptação no tempo e no espaço, ou seja, aos novos tempos e a outros países.

No caso específico dos três manuais objetos de estudo, a autoridade dos escritores é reforçada pela qualidade daqueles a quem eles oferecem suas obras, ou seja, se dirigem primeiramente. E aí temos duas situações: a de Faret e Courtin, que oferecem a indivíduos oriundos da nobreza, tais como um de duque ou um príncipe; e no caso de Gombaud, ele não qualifica a tal Madame \*\*\*<sup>14</sup> – destinatária da obra – com um título de nobreza, mas garante que ela tem a mais desejada qualidade, aquela já preconizada pelo próprio Cristo, ‘a justa medida’.

Portanto, obras como um tratado que tem como pretensão ser baliza para a vida em sociedade, visando a construção de um *honnête-homme*, quanto mais elementos de autoridade apresentam, tanto maior a chance de formar um consenso, modelar as paixões e influenciar nos caracteres.

A quem são destinados esses manuais? De maneira geral, são oferecidos por seus autores a todos que queiram desempenhar bem seus papéis sociais. Courtin oferece seu manual, de forma especial, ao *Monseigneur Le Duc de Chevreuse*, não porque ele precise de um livro como esse, pois como Courtin mesmo diz, o duque é um modelo a ser seguido, pois a civildade, a sabedoria, a docilidade e a honestidade são naturais a ele.

Da mesma forma, Nicolas Faret oferece seu manual a *Monseigneur frère unique Du Roy*, mas não faz uma ressalva tal como fez Courtin, dizendo que

o destinatário não precisa desse tipo de literatura. Muito provavelmente acreditava que isso estava implícito, já que o irmão do rei não precisa disso tudo, deve ser natural a ele, pois como diz mais adiante, o nascimento é requisito importante para um *honnête-homme*, mas não primordial. Porém, os nobres, aqueles que já nascem marcados pela ancestralidade e por atos memoráveis, são “uma bela luz a clarear todas as ações, incitam à virtude pelos exemplos” (FARET, 1681, p. 8).

Gombaud é o único dos três a dirigir seu manual a uma mulher, que ele chama de Madame de \*\*\*, por ela ter a ‘justa medida’, não sendo nem muito adúladora, nem muito lisonjeira, a pessoa mais delicada da sociedade. Certamente o autor faz essa dedicatória porque é preciso lembrar que os grandes salões do século XVII foram dirigidos por mulheres, de modo que elas podem muito bem ter sido elementos primordiais na construção e no reconhecimento do *honnête-homme* isto é, para assegurar não somente que ele seja um *honnête-homme*, mas também que todos o vejam assim.

Courtin, logo após oferecer sua obra ao duque, ressalta a utilidade de seu tratado para todos, não somente para aqueles que têm filhos a criar, mas também aos mais velhos, pois a civilidade, segundo ele, é necessária a todos, principalmente àqueles que almejam ser *honnêtes-hommes*. Escreve especialmente àqueles que não vivem em Paris e nem na Corte, para que todos possam aprender. No entanto, Courtin alerta que todo o aprendizado é vazio se não ajudar a formar o espírito, pois só assim a civilidade será solidamente embasada em princípios do saber viver.

O que é perceptível nas três obras é a intenção que têm em orientar na construção do *honnête-homme*, naquele que sabe se relacionar bem com toda sorte de pessoas, seja nas grandes cortes, seja nos salões ou nos círculos menores da sociedade francesa do século XVII. Todos eles tratam, como questão central, a civilidade e a *bienséance*, já vistas anteriormente quando se tratou dos conceitos fundamentais. No conjunto de virtudes que compõem o *honnête-homme* está a habilidade da conversação, pois é no domínio da palavra – e entenda-se aí não somente o falar, mas, também o calar – que se vislumbra o forte indício do ‘ser’ e do ‘parecer ser’ um *honnête-homme*.

Pois como bem diz Courtin, quando trata no capítulo IX “*des paroles indirectement incivile*”:

As ações são, na verdade são as intérpretes da alma, pois elas mostram externamente a vontade dos homens, a qual está no seu interior: mas as palavras exprimem muito mais qual é seu interior, sendo o órgão natural da alma por meio do qual ela fala e se manifesta aos outros homens. Assim, nada demanda mais estudo que a condução da fala. Todas as faltas que se acham nas palavras são indícios ou testemunhos irreprováveis dos defeitos do espírito: e nada

se pode deduzir de palavras incivis e chocantes senão que o espírito é incivil e ultrajante (COURTIN, 1728, p. 90)<sup>15</sup>.

No convívio social as pessoas conversam, trocam palavras e ideias e na França do século XVII os tratados estudados trazem conselhos daquilo que deve ser evitado nas conversas. Courtin (1728, p. 53) diz que, numa conversação em grupo, é incivilidade falar com um conhecido em língua estrangeira que outras pessoas do grupo não dominem; assim como é incivil cochichar com alguém e rir em seguida; é necessário observar, por regra inviolável da palavra, de não dizer nunca bem de si mesmo, nem mal de ninguém. E o autor prossegue orientando que se deve evitar frases que tenham dúvida interpretação, ou apontar com o dedo para as pessoas com quem se fala, gesto que ele considera ofensivo, para aquele com quem se fala ou se pretende falar. Deve-se esquivar também de falar sobre coisas que podem fazer *mal au coeur* – desagradáveis a quem ouve –, não interromper alguém que está em discurso, sobre qualquer que seja o tema, ato que Courtin considera marca da vaidade: “É preciso jamais colocar em dúvida aquilo que fala o *honnête-homme*; [...] não mostrar qualquer traço de enfado, bocejar, se espreguiçar” (COURTIN, 1728, p. 61-69). E nunca se referir ao empregado como lacaios, mas como *valets-de-pieds*, não por causa do lacaios, mas pelo seu senhor<sup>16</sup>.

No exercício de dar o tratamento adequado às pessoas em geral, seguindo princípios que expressem uma sociedade marcada pela hierarquia, ele ressalta que, no respeito que se dá, na conversa, a civilidade se faz pela medida daquilo que se ‘é’, e daqueles que ‘são’. Ou seja, reforça aquilo que ele considera como condição primeira para a civilidade, saber ‘se dirigir a cada um segundo sua idade e condição’. Dessa forma, alerta sobre aquelas pessoas que merecem atenção especial: eclesiásticos e curas; magistrados, em razão da lei e porque trabalham em nome do Príncipe; todos que têm dignidade pública; os que têm qualidade de nascimento; as mulheres; os idosos; e aqueles que têm qualquer talento extraordinário. Mais uma vez o nascimento aparece como elemento capaz de assegurar a distinção.

Assim como Courtin, Faret concorda que, no amplo campo da conversação, é preciso que as palavras sejam adequadas ao momento, às pessoas e aos humores daqueles com quem se quer relacionar. Ele parece dar bastante importância à conversação com o Príncipe, pois a esse tipo de ocasião destina um capítulo específico. Com autoridade máxima, é ele que deve conduzir a conversa. Quem não respeita isso, é inoportuno e indiscreto, diz Faret (1681, p. 82). Se o Príncipe ama a guerra, fala-se sobre a coragem, das grandes armas, da disciplina a se observar, das qualidades de um bom soldado. Se o Príncipe é pacífico, fala-se sobre a justiça, de como manter a tranquilidade pública, sobre o comércio, da amizade entre vizinhos. Mas, sobretudo, não se deve falar sobre coisas desagradáveis. Essa parece ser uma máxima recorrente.



Já entre amigos, Faret (1681) garante que deve haver uma maior naturalidade, ainda que se deva manter uma atitude respeitosa. Em todos os casos e situações, ele orienta que não se fale demais, pois considera esse como o maior dos vícios da conversação e um dos mais perniciosos da vida: “Todos os sábios, e em todos os tempos, falaram em alto e bom tom que a língua é a parte mais útil ou perniciosa que existe no homem, conforme o uso que se faz dela” (FARET, 1681, p. 125)<sup>17</sup>.

Evitar assuntos desagradáveis, eis o segredo da boa conversação, pois como diz Gombaud (2011), aquele que deseja ser amado e considerado sempre uma boa companhia, deve pensar em deixar os outros felizes. E na continuação o autor alerta para que seja afastado tudo que seja triste e sombrio, assim como o riso excessivo. Ou seja, tudo que fuja da moderação, da modéstia. Assim, também orienta que não se deve levantar a voz, divagar e ser enfadonho, e tanto ele indica a forma graciosa e o conhecimento do ambiente em que se conversa.

Assim como todos são explícitos naquilo que não se deve fazer, trazem muitos conselhos daquilo que seria interessante considerar para o desenrolar de uma conversa agradável. Mais uma vez a busca do bom senso é elemento central de todos os preceitos. Courtin, Faret e Gombaud garantem sempre que o domínio das regras de civilidade deve estar no centro de tudo e ressaltam a importância do bom humor como elemento central para tornar uma conversa mais agradável.

Para Courtin (1728), o bom humor deve ser revelado como harmonia entre as pessoas e as circunstâncias. Sendo assim, diz ele, é um ponto essencial para a civilidade. E trata disso não somente como um traço do espírito, mas essencialmente como um equilíbrio biológico. Ele chega a descrever a teoria dos humores baseada nas ideias de Galeno (melancolia, fleuma, sangue e bile), relacionado-os aos quatro elementos, ou seja, a terra com a melancolia (fria e seca), a água com o fleuma (fria e úmida), o ar com o sangue (quente e úmido) e o fogo com a bile (quente e seco). Estes devem estar em harmonia para que o temperamento seja equilibrado. Mais uma vez, vemos a busca da justa medida, pois é preciso que os humores estejam sob controle e sejam adequados aos quatro pilares do que Courtin define como alicerces da civilidade, isto é, considerar sempre: a pessoa, a coisa, o lugar e o tempo. Seria a *bienséance* resultado do equilíbrio entre os humores?

Buscando também a ‘justa medida’, Faret (1681) fala, no capítulo XV, “da excelência das boas palavras”, e logo de início alerta sobre evitar a *bouffonnerie*, o que parece ser, evitar ser exageradamente engraçado, pois a regra principal das boas palavras consiste em ser curto, claro e proferir as palavras com graça. Eis mais uma qualidade recorrente nos tratados aqui analisados.

Para Gombaud (2011) a conversação deve sempre ser agradável e divertida, além de livre, honesta e sempre que possível jovial. O domínio do assunto permite uma abordagem agradável. Tudo isso para ele se obtém através do sacrifício “à deusa das Graças: de modo que quando se conhece

a linguagem e a sociedade, e se adquire um certo conhecimento do falar, pode-se ficar tranquilo sob este aspecto, não se preocupando com nada além do espírito e das coisas” (GOMBAUD, 2011, p. 7).

### Considerações finais

Homem de Corte, o *honnête-homme* deveria compor uma figura agradável. Cortês, aristocrático, sincero e refinado, modesto quando o assunto é falar de si mesmo, moderado e ao mesmo tempo galante ao se referir aos outros. Retrato idealizado, imagem de um cristão por natureza e escolha.

O *honnête-homme* não tem um correspondente exato nos dias de hoje, pois sua maior proximidade estaria com fidalgo, mas quem pode entender perfeitamente o significado de fidalguia na sociedade atual? O próprio conceito de fidalguia nos remete ao nascimento, e já vimos que ao *honnête-homme* este não é suficiente, há necessidade de mais, aproximando-se do que poderíamos reconhecer como civilidade, em ações e palavras. A ele não é suficiente nascer nobre, nem é mais condição indispensável, mas é preciso o cultivo das ciências e das artes, a prática da religião e o exercício da fé.

No “*Dictionnaire de l’Academie Française* de 1694”, *honnête-homme* é homem de honra, probidade, que compreende todas as qualidades agradáveis que um homem pode desempenhar em sua vida civil. É derivado da qualidade de ser “honesto”, adjetivo sinônimo de ser cortês, civil e polido.

Na verdade, parece que se há dificuldades em percebermos esse adjetivo, bem como empregá-lo corretamente para a sociedade atual, nos séculos XVI, XVII e XVIII, isso parecia ser bem mais compreensível. No entanto, para não cair na tentação do anacronismo, preferiu-se optar pela não tradução e utilizar o termo *honnête-homme* ao longo do texto, assim como o vocábulo *bienséance*, pois acredito que uma palavra correspondente não é suficiente para se entender toda a complexidade da expressão.

O *honnête-homme* porta a justa medida, por isso sabe falar, sabe o que diz e conhece as circunstâncias. Essa é uma qualidade imprescindível para ele, o domínio das palavras, a capacidade de comunicar-se com desenvoltura na Corte e nos salões. O domínio da conversação é sua afirmação perante todos. No entanto, nem todos concordavam na perfeição desse *honnête-homme*, pois são tantas as regras que ele deve seguir que alguns denunciavam o perigo de, em obedecendo as normas dos tratados, ele perdesse a essência de si mesmo.

Para Courtine e Haroche (1988), a partir do século XVII a conversação vai ser alvo de duas críticas: a dos moralistas e a de origem religiosa. Os moralistas viam nas orientações dos manuais um caminho que desvia da sinceridade. Por isso a máxima de origem latina: “No interior, faça o que quer, no exterior, aja como o costume”<sup>18</sup>. Críticos como La Fontaine e La Bruyère acusam o *honnête-homme* de usar da dissimulação.

As críticas de origem religiosa vêm principalmente dos jansenistas que apontam que o esforço em se dar bem na conversação é doar-se demais, isso faz afastar-se demais do verdadeiro 'eu', é a perda de si.

No entanto, o que se percebe nos manuais é sua preocupação com os valores da civilidade, traçada sob a batuta da civilidade cristã, aquela originada em Erasmo, a que se aprende, adquire-se em seu efetivo exercício, manifesta-se nas maneiras e na conversação. A civilidade que exalta a prudência, a contenção, o domínio de si, que escarnece da violência e valoriza a eloquência.

Como prevê Courtin (1728), acima de tudo está a modéstia-civilidade, e para aquele que a possui, é possível estar bem em qualquer lugar e situação. A modéstia também é sinônima de humildade e esta deve ser o verdadeiro fundamento de todas as ações, pois "Deus julga a sinceridade ou a falsidade do coração" (COURTIN, 1728, p. 20). A virtude da humildade, para ele, deve ser a primeira qualidade, já que nem a posição, nem a fortuna podem prescindir dela.

Como bem prevê Faret (1681, p. 33), a boa educação, o trabalho, os bons hábitos, frequentar pessoas de bem, seguir os bons exemplos e dominar a palavra produzem um efeito tão maravilhoso que produz, uma condição quase divina. Tudo isso é importante e muito útil, tanto para os que nasceram das grandes fortunas como para aqueles que venham a governar os povos, conduzir as armas, praticar a amizade com um Príncipe ou com uma Nação estrangeira, fazer tratados ou comunicar-se com Reis.

Para Gombaud (2011), a sinceridade confere distinção e a falsidade é desagradável. Apesar de moralista, adepto certamente da modéstia e da humildade, adverte sobre a importância de adequar as palavras às situações e às pessoas com quem se está.

No teatro da Corte ou nos salões do século XVII, em busca de uma convivência baseada nos princípios da civilidade, é sempre bom recordar Erasmo:

Aqueles que a sorte fez plebeus, pessoas de condição humilde, e mesmo camponeses, devem esforçar-se tanto mais por compensar com as boas maneiras as vantagens que o destino lhes recusou. Ninguém escolhe o seu país ou o pai, mas todos podem conquistar as qualidades e boas maneiras (ERASMO, 1978, p. 108).

## **Notas**

\* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). E-mail: ceciliapilla@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Essa obra do século XV de autoria de Thomas Kempis é uma das maiores do gênero tratado moral.

<sup>2</sup> Filósofo e político francês, foi secretário do Cardeal Richelieu antes deste se tornar conselheiro do Estado. Foi eleito também membro da Academia Francesa.

<sup>3</sup> De La Conversation é parte da obra *Discours de l'esprit. De La conversation. Dês agrements. De La justesse. Ou critique de Voiture par Le Chevalier de Meré avec La Conversations du même Chevalier et du Marechal de Clemambau*, publicada no ano de 1677. Utilizei o capítulo traduzido contido na obra em língua portuguesa, «A arte de conversar». São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 3-36.

<sup>4</sup> Utilizei para esse estudo a edição de 1681, que em nada difere da original publicada em 1630.

<sup>5</sup> Para esse artigo utilizei duas edições desse tratado, uma via Gallica ([www.gallica.bnf.fr](http://www.gallica.bnf.fr)), edição póstuma de 1728, e a mesma edição publicada em 1998 pela Universidade de Saint-Étienne com avant-propos de Alain Montandon e Introdução de Marie-Claire Grassi. Ambas as publicações estão em francês e realizei a tradução livre.

<sup>6</sup> Casou-se em 1661 com Marie Solomé de Beauviers. E por razões de saúde se aposentou em 1668 quando começou a escrever. Morreu em 1685.

<sup>7</sup> A primeira edição de sua obra é de 1671, tinha 175 páginas e 19 capítulos. À segunda edição de 1672 adicionou páginas e capítulos. A versão de 1702, a aqui utilizada, publicada após sua morte, contém 33 capítulos e 338 páginas. É possível que Courtin tenha deixado notas a seu editor para fazer ajustes e atualizações.

<sup>8</sup> Eis o trecho original: "Le Nouveau Traité de la civilité, tel qu'il est proposé en 1702, est un ouvrage que fixe en France pour deux siècles le règles fondamentales du savoir-vivre. Il introduit en effect non seulement une nouvelle manière de concevoir la politesse comme lieu d'intégration d'une morale individuelle et chrétienne dans la morale civile, mais une nouvelle manière de l'écrire. Rompant avec la technique du dialogue platonicien, chère au Livre du courtisan ou avec l'entretien fictif de style parfois métaphorique, propre au Galatée, Courtin fait là encore oeuvre de synthèse et d'innovation. C'est traité, qui s'adresse aux jeunes gens, mais aussi à toute outre personne, est volontairement écrit dans un style simples, parfois familier".

<sup>9</sup> Para este estudo foram utilizadas duas obras de Gombaudo, a póstuma que é de 1700 e o texto em obra organizada pela Martins Fontes e que data de 2001.

<sup>10</sup> No original: "C'est par les armes principalement que la Noblesse s'acquiert, c'est par les armes aussi qu'elle se doit conserver, & s'ouvrir le chemin à la grande reputation, & de là aux grands honneurs" (FARET, 1681, p. 12).

<sup>11</sup> No original: "plûtôt mediocre que trop grand, plûtôt gresse que trop gros, des membres bien formez, forts, souples, dénoüez, & faciles a s'accommoder à toutes fortes exercices des guerre & plaisir" (FARET, 1681, p. 18).

<sup>12</sup> No original: "Par elle nous paroissions bons sans hypocrisie, devots sans superstition, prudens sans malicie, modestes & hubles sans laschetés, & genereux sans arrogance" (FARET, 1681, p. 50).

<sup>13</sup> No original: "Si quelqu'un me demandait en quoi consite l'honnêteté, je dirais que ce n'est autre chose que d'exceller en tout ce qui regarde les agréments er les bienséances de la vie" (GOMBAUD, 1700, p. 4).

<sup>14</sup> O autor não identifica quem é essa Madame\*\*\*, provavelmente quer preservá-la de algo que não sabemos e sobre isso também em nada esclarece em seu texto.

<sup>15</sup> No original: "Les actions sont, à lá verité, les interpretes de l'ame, puisqu'elles font voir au dehors la volonté de l'homme, qui est au dedans: mais les paroles expriment encore bien plus quel est son interieur, étant, comme elles sont, l'organe naturele de

l'ame par lequele elle parle & se manifeste aux autre hommes. Ainsi rien ne demande plus d'étude, que la conduite de la langue. Tous les défaut qui se trouvent dans les paroles sont les indices, où témoins irréprochables des défauts de l'esprit: & on ne peut naturellement rien inferer des paroles inciviles & choquantes, sinon que l'esprit est incivil et outrageux" (COURTIN, 1702, p. 90).

<sup>16</sup> No original: "Il ne faut jamais témoigner que l'on doute de ce que dit un honnête homme. [...] Il faut se donner de garde dormir, de s'allonger & bâiller" (COURTIN, 1702, p. 61-69).

<sup>17</sup> No original: "tous les Sages & en tous le siècles, ont crié que la langue estoit la plus utile, & la plus pernicieuse partie que fust en l'homme, selon son bon ou mauvais usage" (FARET, 1681, p.125).

<sup>18</sup> No original: "A l'interieur, fais comme il te plaît, à l'extérieur, agis selon la coutume".

## Referências

BURKE, Peter. **As fortunas d'O Cortesão**. São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo: UNESP, 1995.

COLIN, Jones. **Paris: biografia de uma cidade**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

COURTIN, Antoine de. **Le Nouveau Traité de la civilité qui se pratique en France parmi les honnête-gens. Nouvelle édition revue, corrigé & de beaucoup augmentée par l'Auteur**. Paris: Chez Louis Josse à la Couronne d'Epine, MDCCXXVIII, 1728.

COURTIN, Antoine. **Nouveau traité de civilité**. Saint-Etienne: Université de Saint-Étienne, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. **História do Rosto**. Lisboa, Teorema, 1988.

**DICTIONNAIRE DE L'ACADEMIE FRANÇAISE de 1694**. Disponível em: [www.vaucason.org/lettres/LABRUYERE/honestehomme.htm](http://www.vaucason.org/lettres/LABRUYERE/honestehomme.htm). Acesso em: 15 jan. 2011.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FARET, Nicolas. **L'honnête-homme ou, l'art de plaire a la court**. Paris: chez Pierre Trabouillet, MDCLXXXI, 1681.

FAVRE, Robert. **La littérature française: histoire & perspectives**. Paris: Presse Universitaire de Lyon, 1998.

GOMBAUD, Antoine. Discurso sobre a conversação. In: **A Arte de Conversar**. Morellet e outros. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 3-36.

GOMBAUD, Antoine. **Oeuvres Posthumes de M. Chevalier de Méré**. Paris: chez Jean & Michel Guignard, 1700.

GRASSI, Marie-Claire. Introdução. In: **Nouveau traité de la civilité**. Saint-Etienne: Université de Saint-Étienne, 1998, p. 11-41.

HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Campinas: Papyrus, 1998.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MONTANDON, Alain. Avant propos. In: **Nouveau traité de la civilité**. Saint-Etienne: Université de Saint-Étienne, 1998, p. 7-10.

ROTTERDAM, Erasmo. **A Civilidade Pueril**. Lisboa: Estampa, 1978.

Recebido em: fevereiro de 2014.

Aprovado em: dezembro de 2014.